



CASCATAS DO CLYDE.

É nos sitios mais formosos da Escocia o valle por onde corre o Clyde: muitas scenas pôz o grande pintor de costumes e paizes, Walter Scott, tomadas deste districto, em suas novellas nacionaes; acrescentando aos attractivos proprios da localidade recordações de suas interessantes, bem escolhidas, e sempre bem retratadas personagens. Alem disto Glasgow com seu porto tão frequentado, assentada nessas margens, e Paisley, que não demora longe, dão ao rio alta importancia, commercialmente considerado. — Nasce elle nas empinadas montanhas da provincia de Larnak, onde tem igualmente origem outros, o Tweed e o Annan: os tres vão desembocar a mares diferentes. Muitas superstições andam arraigadas no povo escocoz, relativas a estas paragens, querendo até explicar sobrenaturalmente obras d'arte, cujos auctores são conhecidos: mas nem semelhantes contos, por vulgares, nem as descripções, por desconhecidas, interessam o leitor portuguez. Daremos o que mais convem saber. — O Glengonar é um dos afluentes do Clyde; acharam-se palhetas d'ouro em suas areias, mas a apanha não pagava o trabalho, nem se descobriu proveito em minerar os arredores. Bom é que tambem a frigida Caledonia possa gabar-se de um rio que merece as duas vozes esdruxulas — *aurifero* e *infructifero*. Nas visinhanças de outro ribeiro afluente ha cousa mais importante, as minas de chumbo, pertencentes ao conde de Hopetown, exploradas por uma companhia, que paga ao proprietario o

sexto dos redditos, e produzem annualmente mais de trescentos mil quintaes de metal.

Proximas á cidade de Lanark estão as catadupas ou quedas da corrente do Clyde: até alli o rio vai manando tão sereno, que não dá indicios de haver depressão no seu alveo; mas logo em Bonnington Linn faz um salto perpendicular de obra de 40 palmos, e dahi prosegue arrebatado: meia milha mais adiante é Corra Linn, a mais formosa cascata do Clyde, appresentada na gravura supra-estampada: reparte-se em duas, cahindo impetuosas de 80 pés d'altura e com solemne estampido em fundos pegos, cobertos de borbotões d'espuma: rodeam-na silvestres arvoredos; e descortinam-se na proxima emnencia os residuos melancolicos de um castello dos Sommerville, familia notavel nos annaes da Escocia.

O Bono.

1128.

XII.

A mensagem.

ALGUNS instantes mais que o trovador se houvera demorado no jardim pensil, lhe tornariam impossivel o sahir de Guimarães. Abul-Hassan tinha tido a prevenção de communicar ao mestre dos engenhos, — a seu irmão, o tornadiço, como elle lhe chamava na ausencia, — o lugar onde o devia en-

contrar no caso de occorrer algum successo inesperado. O arabe-christão ouvira a ordem do alferes-mór para se dobrarem as vigias e roldas, lançar-se uma quadrilha ao campo, e prohibir-se a sahida do burgo a todos, apenas se fizesse o signal de acabar o banquete. Então o tornadiço correra ao arco escuro do jardim pensil, e relatára tudo isto a Abul-Hassan. O silvo do arabe, que tão cedo soára para Dulce, procedera desta causa, e por isso o cavalleiro tivera de atravessar, correndo á redea solta, o recinto do castello e do burgo. Passando a carcova das barreiras, ainda víra dobrar o numero dos atalaias nocturnos, e sentira o tropear dos cavallos rodeando os andaimos das barbacans. Para se não tornar suspeito, depois de sahir junto ao cubello da couraça, caminhára lentamente em volta da povoação, e fazendo um largo rodeio viera outra vez metter-se no caminho, que levava á margem do Avicella, onde o esperava o seu pagem.

Ainda elle galgava no valente ginete uma senda agra e tortuosa na selva contigua ao váu do Madroa, quando sentiu a pouca distancia, do lado opposto do rio, um estrupido de cavallos, os quaes pareciam caminhar por entre os choupos e salgueiros que povoavam tanto uma como outra margem. Pelo ruido que faziam facilmente se conhecia que era uma numerosa cavalgada. Fallavam em voz alta, e pareciam seguir um caminho contrário ao seu, approximando-se do váu, em quanto o cavalleiro se afastava delle. Talvez o perseguiam. Este pensamento, que lhe occorreu, o fez parar subitamente. Apesar de conhecer que mal poderia resistir áquelle tropel d'homens d'armas, não receiava um combate nocturno, mas era-lhe necessario evitar toda a demora em voltar ao arraial do infante, a fim de poder cumprir o que promettêra a Dulce. Assim descavalgando do ginete, e levando-o de redea manso e manso, approximou-se da ribeira junto da qual o arvoredado e matto eram mais frondosos e bastos, afastando-se da senda por onde forçosamente os almogávares, haviam de passar no caso de transporem o váu.

No momento em que o trovador guerreiro chegou a uma balsa, na qual era quasi impossivel ser descuberto, á luz scintillante das estrellas as armas dos que vinham ladeando o rio reluziram na margem fronteira. Pareciam altercar entre si, e como a corrente era estreita, Egas que se conservava calado e quedo, pôde facilmente escuta-los.

Aquelle tropel de homens d'armas era uma quadrilha, ou piquete, como hoje diriamos, que Garcia Bermudez enviára para rodear exteriormente as barreiras e obstar á fuga dos que podessem esquivar-se á vigilancia dos atalaias e roldas. A disputa que o trovador ouvira tinha-se alevantado entre o coudel dos bésteiros de cavallo, e um cavalleiro seguido de dez lanças, o qual acaudalava toda a quadrilha.

«A-la-fé, dom coudel — bradava o cavalleiro — que não deveis passar o váu. Já vo-lo disse: a ordem do alferes-mór é que rodeemos o burgo e o castello a dois tiros de bésta das barreiras. Segui-me, ende, se vos praz.»

«Não praz, por Santiago! — replicava o coudel. Tenho andado em mais de vinte arrancadas, tanto em hoste como em cavalgada: tenho sabido trinta vezes de castros e burgos, em appellido contra mouros e leonezes: nunca vi lançar esculcas para vigiarem sagas de mesnada ou barbacans de castello. Que Satanaz?! — O infante não vem, creio eu, de

Guimarães, mas para lá se encaminha: ao menos assim no-lo dizem. E não havemos de atalaiar bosques e pacigos alem Madroa?»

«Fu, fu, perro e villão que és! — murmurou o cavalleiro. — Vêdes vós — proseguiu elle fallando com os seus homens d'armas — como vai ancha e crescida a ousadia de peões? Culpa tem quem fia delles cavallo, saio, e cervilheira como a uma nobre lança. Ai, meu mano — accrescentou dirigindo-se de novo ao coudel — digo-vos eu, que não passareis o váu.»

«Somos homens de rua: — retrucou o coudel encolerizado — burguezes por nossa carta de privilegio e bom foro: e a nenhum de nós pôde ser dito fu, fu, perro e villão (*) sem villa e affronta de vinte soldos de pena. Aqui está Pedro Amarello, mestre armeiro; Ruderico Spassandiz, mestre ferreiro; Sandamiro Eiriz, mercador, e eu Gavino Paez que valho por qualquer delles. Tende tento, senhor cavalleiro, com vossas fallas, que podeis ámanhã ouvi-las mais pesadas da boca dos alvazis.»

«Estaes bravo, dom coudel! — acodiu o cavalleiro, que porventura não achára inteiramente infundada a advertencia do bésteiro. — Foi por chance que o disse. Deus me livre de doestar tão honrados burguezes! Mas dir-vos-hei agora porque não passaremos a váu. Sabeis o que vai de novo?»

A esta pergunta ninguem respondeu: mas homens d'armas e bésteiros pararam, apinhando-se á roda do que fallava.

«Vai, que entre os ricos-homens da córte ha quem pense em fazer deslealdade á nossa mui excellente rainha, e o nobre conde de Portugal e Coimbra quer talvez colhe-los ás mãos.»

«Mas porque crêdes vós isso? — interrompeu o coudel.

«Porque o alferes-mór me jurou que eu expunha a cabeça se alguém passasse por nós vindo do burgo, que não fosse logo tomado, ou se me affastasse alem das barreiras um tiro de balista. Que significam semelhantes disposições, senão o intento de colhêr ás mãos os desleaes?»

«Isso agora é outro fallar; — rosou o coudel — em tal caso..... é claro....»

A quadrilha havia seguido de novo sua rolda, e o trovador só pôde perceber mais essas poucas palavras truncadas.

Encostado a uma arvore com a redea do ginete no braço, o cavalleiro ficou embebido em cogitações. Um acaso lhe dera a conhecer a impossibilidade de pôr por obra os seus intentos, se ainda na seguinte noite durassem as precauções de que ouvira fallar. Mas donde haviam nascido as suspeitas que despertaram a tal ponto os receios do conde de Trava? Te-lo-hiam reconhecido atravez do seu disfarce? Fôra acaso ouvida a conversação que tivera com o Lidador? Perdia-se n'um mar de conjecturas, e successivamente imaginava e desfazia mil alvitres para salvar Dulce, para cumprir sua promessa e ver coroado seu amor, mas no meio da agitação em que o lançára a nova que escutára, baralhavam-se-lhe cada vez mais os pensamentos tumultuosos. Lembrou-se de voltar a Guimarães, mas nem já, provavelmente, a entrada era facil, nem elle

(*) *Fu, fu!* — era um dos doestos daquelle tempo, contra o qual alguns foraes poem multas pesadas. Ignorámos em que consistia o affrontoso destas duas syllabas, salvo se era uma abbreviação de outra injuria de que resam tambem os foraes, e que a decencia nos não permite transcrever aqui.

podia deixar de se dirigir ao arraial do infante a dar conta da missão de que se encarregára. Assim, posto que vivamente inquieto, cavalgou de novo, e breve se achou fóra da extensa selva que naquella epocha se estendia ao norte de Guimarães.

Em quanto neste famoso castello e no seu burgo se passavam os acontecimentos cuja narração procurámos fazer ao leitor nos antecedentes capitulos, o fogo da revolta estendia-se largamente por quasi todos os districtos do condado de Portugal. O campo de Affonso Henriquez augmentava diariamente com as bandeiras das behetrias e concelhos, com os homens d'armas dos coutos e honras dos mais illustres ricos-homens, e com muitos alcaides de castellos do proprio infantatigo ou regalengo de D. Theresa. Assim, ao passo que o conde Fernão Peres chamava os cavalleiros de Galliza e das outras provincias d'Hespanha para se defender, a guerra ia mudando o seu character de lucta civil em lucta de independencia, e fazendo que o espirito de individualidade nacional se desinvolvesse e fortificasse.

A pouco mais de tres leguas de Guimarães Egas encontrou os esculcas e almogávares de D. Affonso. O arraial alvejava sobre os visos de uma serra com os arreboes da manhaã, e as armas polidas scintillaram em breve aos primeiros raios do sol oriental. O cavalleiro tendo-se dado a conhecer, atravessou por entre as tendas, e chegou ao pavilhão do moço principe, que já se achava em conselho com o arcebispo de Braga e com outros prelados e barões. Ahi deu conta do que podéra alcançar das disposições tomadas pelo conde de Trava para a defeza, do grande numero de lanças estrangeiras juntas em Guimarães, e das fortificações, accrescentadas ás já tão formidaveis do castello, e alevantadas de novo em roda do burgo. — «Mas essas torres e engenhos — dizia elle — não creio tenhamos de as combater; porque se diz que Fernão Perez pertende vir connosco a lide em campo; e a avultada somma de cavalleiros que se acham em Guimarães, e o pequeno numero de peões e bésteiros são disso evidente signal.»

«E Gonçalo Mendez da Maia? — interrompeu o velho aio Egas Moniz. — Porque se conserva um dos mais esforçados e poderosos filhos-d'algo de Portugal entre os inimigos do infante? — Viste-o? — Alcançaste acaso saber quaes eram seus intentos?» —

«Os seus intentos foram o impedir a guerra entre homens da mesma fé e da mesma linhagem: hoje a sua lança será a primeira que se enriste nessas lides que Deus quiz fossem inevitaveis.»

Estas palavras proferia-as um cavalleiro que affastára o reposteiro da entrada da tenda, e cruzando os braços ahi ficára parado.

Era o senhor da Maia.

O sobresalto foi geral. O trovador correu para elle, e depois de o abraçar, tomando-o pela mão o fez approximar do infante.

«Eis-aqui — disse — um dos vossos mais leaes ricos-homens. No momento do perigo elle não podia faltar-vos.»

«Ao menos não foi por culpa do filho de Pedro Froylaz — interrompeu o Lidador sorrindo. — Se por inesperado meio a Virgem me não salvára, a estas horas a minha morada seria a masmorra do castello de Guimarães, e a minha esperança de liberdade a tumba que dentro em pouco me levaria o cadaver a soterrar na galilé do mosteiro de D. Muma.»

O subito apparecimento de Gonçalo Mendez, e ainda mais as suas palavras, até certo ponto inin-

telligiveis, excitaram vivamente a curiosidade do infante e dos seus prelados e cavalleiros. O nobre barão satisfez essa curiosidade, narrando não só o que se passára no ajuntamento da curia, mas tudo o que depois succedêra, e como o bobo o salvára e a Fr. Hilarião. «O pobre D. Bibas — concluia elle — cumprui á risca o que prometteu. O villico da honra e solar da Maia e os vinte cavalleiros meus acostados vieram successivamente ajuntar-se connosco á sahida do subterraneo. O bobo lhes deu passagem pouco a pouco, e até vi com espanto que o ultimo me conduzia a déstro o meu cavallo de batalha. Deixando os homens d'armas acompanhando o virtuoso monge, adiantei-me á redea solta em busca do arraial de meu senhor o infante, para lhe dizer: «Guimarães será vosso logo que vos approuver!» Sabia que vos encaminhaveis por esta parte, posto que mais longe vos suppunha. «Agora — accrescentou voltando-se para o arcebispo — reverendissimo padre, por mercê mandai um de vossos palafrens ou mulas de corpo, em que possa cavalgar o mui honrado abbade do mosteiro de D. Muma, que, velho e trópego, mal vencêra até aqui a pé, os montes e valles, algares e serranias.»

«Não terá de vir tão longe: — respondeu o senhor de Cresconhe — com o favor de Deus, espero que nós todos vamos bem depressa encontra-lo.»

O bom do aio era de opinião que sem tardança se accomettesse Guimarães, e a preponderancia de que gozava no conselho fazia-lhe tomar muitas vezes o seu parecer singular por uma resolução commum e definitiva.

«Por essas palavras — replicou o Lidador — vejo que a vossa intenção é fazer encurvar brevemente ao redor das altas muralhas de Guimarães as béstas e arcos, e as manganellas arrojarem contra os eirados de suas torres as pedras e as setas de fogo, se, o que não creio, o lobo cerval de Galliza deixar que o cerquem no covil em que veio aninhar-se neste nosso Portugal. Mas se quizerdes ouvir-me....»

«Sabemos, sabemos o que nos ides dizer — althou o arcebispo de Braga D. Paio, que, emulo do velho Égas Moniz de Riba-de-Douro, não perdia occasião de mostrar a sua influencia, e a capacidade politica e militar de que era dotado. — Com cem homens d'armas e no silencio da noite abrir-nosheis, sem combate, senão as barreiras e portas do real castello, ao menos o *caminho* delle.»

Alludindo á passagem subterranea por onde o Lidador se tinha salvado, o guerreiro prelado pronunciára com emphase particular a palavra *caminho*.

«Perdoai-me, reverendissimo padre, (*) outro era o meu pensamento. Na escala arvorada aos muros, sob a vénea ou gato rolando para elles, nas trévas nocturnas salteando d'improviso pelo subterraneo os cavalleiros do conde de Trava, ou finalmente em recontro de lide campal, estou prestes para combater a todo o trance. Mas é em nome da paz que ainda fallarei uma vez....»

O infante, que até então estivera callado, ouvindo os seus *optimates*, poz-se em pé, e com as faces abrazadas, apertou o punho da espada, e bradou:

«A paz!? — Oh, isso nunca!»

«A paz — insistiu o Lidador com firmeza — como eu a pedi mil vezes na curia de vossa mãe. Que o conde vos ceda a herança de meu senhor D. Henrique; que D. Theresa ceda a seu nobre filho o se-

(*) *Pater reverendissime* é o tratamento dado aos bispos e arcebispos na Historia compostellana e nas mais memorias daquelle tempo.

nhorio desta terra de cavalleiros!... Que um mensageiro vá em nome do infante e dos filhos-d'algo de Portugal propor estas condições, antes de as offerermos nas pontas das lanças. Ainda uma vez o requero, em que pèse aos que ousarem accusar-me de desleal, porque guardo o esforço para o momento das obras, e desprezo o que se revela em feros e ameaças antes do combater.»

O rico-homem olhou em roda com ar altivo. Alguns dos barões do conselho cravaram a vista no chão.

«Mas lembrai-vos — atalhou Affonso Henriquez, — de que a memoria de muitos annos de opprobrio, só póde derisca-la o sangue correndo abundante em campo de lide.»

«E vós, senhor, não vos esqueçais de que tambem nessa primeira batalha o sangue que ha-de correr será dos vassallos e dos peões, cujo principe sois, — o sangue de christãos, e não de agarenos e ismaelitas.»

O infante ficou por algum tempo mudo: depois fitou os olhos no seu velho aio, que lhe fez um leve signal de assenso.

«Seja, pois, como pertendeis, — disse elle por fim — ainda que tenho por certo será uma bem inutil mensagem. Ao menos meu primo elrei de Leão, que tão contrario se nos mostra, saberá que procurei evitar a guerra.»

«E quem ha-de ser o mensageiro? — perguntou o arcebispo de Braga D. Paio, que no gesto carrancudo dava signaes de estar mais longe do espirito do evangelho que o duro e impetuoso Gonçalo Mendez.

A narração que fizera o Lidador convertêra em certeza as desconfianças que o trovador concebêra de alguém o haver conhecido na côrte, apesar de seu disfarce. O coração palpitava-lhe ao lembrar-se da promessa que fizera a Dulce, e de que, ainda quando lhe restasse esperança de poder voltar a Guimarães sem cahir nas mãos do feroz conde de Trava, nenhuma podia ter de salvar a sua amante: a proposição do Lidador lhe reanimou, porem, as quasi mortas esperanças. Adiantando-se, pois, disse:

«Se ao illustre infante approuver, serei eu quem vá a Guimarães com essa mensagem. Pouparei ao conde de Trava o trabalho de por mais tempo me procurar debalde.»

«Bem dito, meu collaço! — bradou o infante. — É d'esforçado cavalleiro ir affrontar o inimigo entre os seus homens d'armas; mas não consinto que vos arrisqueis de novo á colera dos estrangeiros. Outrem irá agora em vosso logar.»

O trovador approximou-se então de Affonso Henriquez, e voltando-se para os prelados e barões:

«Depois de tres annos de ausencia — disse com visivel agitação — voltei a Portugal para servir na paz ou defender na guerra o filho de meu senhor. Como o ceifeiro que abandonasse a seara, quando as espigas se lhe offereciam mais bastas e formosas, assim eu abandonei as pelejas da Terra-santa quando mais douradas esperanças me promettiam larga colheita de gloria. Fi-lo por ser leal a meu preito e á fraternidade das armas. Dizei vós se o infante de Portugal me deve por isso algum premio?»

Affonso Henriquez fez signal de silencio estendendo a mão para o senhor de Cresconhe, que ia talvez reprehender seu primo desta intempestiva pertinência, e respondeu:

«Não precisaes de requerer aos filhos dos bem-

nascidos que julguem vossa demanda, como é fore d'Hespanha. Confesso o direito que tendes, e juro que a recompensa será qual vós a pedirdes.»

«Ouvistes, senhores prelados e barões? — interrompeu Egas com viveza. É um juramento d'infante. O galardão que peço é que me deixeis seguir esta aventura da embaixada. Não podeis já recusar-mo.»

«Seja assim pois, — replicou o infante — e a mãe de Deus e o santo apostolo das Hespanhas vos guardem do perigo, que voluntariamente buscaes, meu bom cavalleiro.»

Neste momento um pagem veio annunciar a chegada ao arraial de cem villões da behetria de Britiande, oitenta frecheiros e vinte bésteiros, cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão rebombando no valle. O infante correu a vê-los em quanto os do conselho instruíam o trovador da fórma em que devia propôr sua mensagem. Ao perpassar, Affonso Henriquez apertou com força a mão de Egas, e disse-lhe em voz baixa: «Egas, eu não quero perder-te! lembra-te do teu irmão d'armas.»

D'ahi a pouco tempo, o cavalleiro voltava para Guimarães, montado em mula robusta, e seguido de um pequeno pagem, que cavalgava o seu ginete de batalha, e de seis acubertados trajando saios e cervilheiras, tudo segundo o costume daquella epocha. Qual seria o tumulto de affectos que passavam pela alma do mancebo, facilmente supporá o leitor. Todos elles se resumiam n'um só, o de tornar a vêr Dulce: era este o unico ponto que descobria no horizonte do seu futuro, e era este unicamente que elle queria descortinar. O resto pertencia á ventura.

Entretanto nos paços de Guimarães o conde de Trava rugia de furia e pesar. Pelo quarto de morderra fizera accommetter por cem cavalleiros a pousada do Lidador e de alguns outros filhos-d'algo de Portugal, que suppunha addictos ao moço Affonso Henriquez. A morada, porem, do senhor da Maia estava deserta. Sabendo tal nova elle proprio correrá ao mosteiro de S. Salvador, ou de D. Muma, resolvido a arrancar com tormentos da boca do velho abbade a revelação do logar onde o rico-homem se escondêra. Era impossivel que Gonçalo Mendez houvesse escapado com os seus por meio dos vigias e roldas, e porventura Fr. Hilarião lhe dera acolheita. Com admiração dos monges e dobrado furor do conde a cella do reverendo abbade estava deserta. Fernão Perez corria com olhos chamejantes as vielas estreitas e tortuosas do burgo. Na desesperação que o malava, o seu primeiro impeto fôra mandar decepar as cabeças a alguns simples cavalleiros que haviam sido presos, e a muito custo o generoso alferes-mór impedira este acto de inutil barbaridade. Burlado até na esperança de colher ás mãos o audaz primo do senhor de Cresconhe, Egas, que elle suppunha em Guimarães, e para achar o qual tinham sido vaãs as mais severas pesquisas, a raiva do nobre conde de Portugal e Coimbra subira a indizível gráu de violencia.

O desfeixo do drama, que se preparava havia tanto tempo, estava proximo: — a tempestade acastellada no horizonte ia estourar emfim. Pela madrugada daquella mesma noite alguns espias chegaram trazendo a nova da aproximação da hoste inimiga. Segundo elles diziam a sua força era principalmente de peões: os concelhos tinham armado os homens livres e os de criação ou servos que habitavam nos povoados principaes e nos alfozes ou aldeolas comarcans. Os senhores de coutos e honras haviam na ver-

dade trazido alguns bésteiros de cavallo e de pé: mas as peoadas concelheiras formavam o grosso da mesnada, e entre ricos-homens, infanções, escudeiros, cavalleiros de soldo ou acostados, e almogávares, os homens d'armas eram muito menos numerosos no arraial do infante que dentro dos muros e barreiras do castello e burgo de Guimarães.

Fôra sobre este resultado da revolta que Garcia Bermudez e Fernão Perez tinham alevantado desde o principio a machina das suas traças guerreiras. Longe de esperarem o ser accommettidos atraz de muros e barbacans, onde se lhes tornava inutil a superioridade da cavallaria, convinha-lhes accommeter os contrarios em campo aberto. Abi a victoria parecia segura. Naquelle tempo os peões, ou infantaria, chusma indomita, rude, e mal armada, era tida em nenhuma conta, e nos arrolamentos dos exercitos quasi que não se contava senão com o numero das lanças.

A certeza obtida emfim daquellas circumstancias, que podiam produzir para o infante a deshonra e a morte no momento em que chegava ás cercanias de Guimarães no meio de sonhos d'ambição e de esperanças de gloria, mitigou algum tanto o furor do conde de Trava. Posto que ainda carrancudo, passeando na sala d'armas rodeado dos seus cavalleiros, elle dispunha tudo para sahir a campo. Pelas escadas dos paços viam-se descer e subir os pagens levando peças de armaduras lisas e pulidas, outros arrastando os pesados saios e cervilheiras de camallo, tecidos de grossa malha de ferro, para se distribuirem pelos homens d'armas de soldo e pelos cavalleiros peões. A signa real da bella infanta se plantára diante das barreiras; os balsões variegados dos cavalleiros de solar e linhagem enfileiravam-se já apoz essa bandeira para um e para outro lado, e os atambores ou timbales mouriscos, adoptados entre os christãos, começavam a soar pelo burgo convocando a gente de guerra em volta de seus pendões. Os rostos dos duros homens d'armas de Galiza, Aragão e Castella, ferozmente alegres, sorriam com a esperança da festa de sangue que nesse mesmo dia porventura os aguardava.

No meio, porem, do nitrir dos cavallos, do redemoinhar do pó, do lampear dos capellos ou elmos brunidos, do vozear dos cabos das quadrilhas, um som agudo e prolongado de buzina sobrelevou por cima de todo esse ruido. Vinha da orla do bosque visinho do váu do Madroa, e tirava-o um cavalleiro, seguido d'um pagem e seis lanças, o qual se dirigia evidentemente a Guimarães, e com aquellas toadas parecia annunciar intenções de paz. Dois almogávares sahiram a reconhecê-lo; e depois de fallarem com elle poucos instantes, voltaram dizendo ser o recém-vindo um filho-d'algo que da parte do infante trazia mensagem á mui excellente rainha e ao nobre conde de Trava.

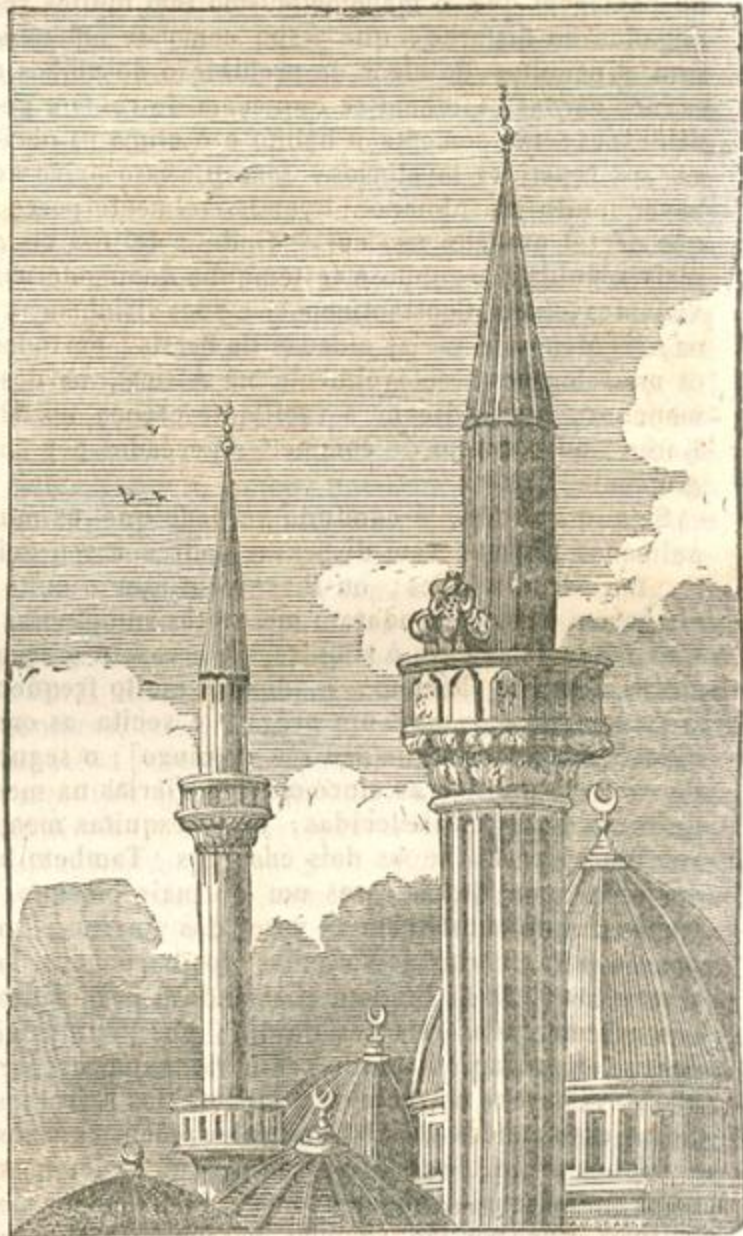
Era Egas. Atravessando rapido a distancia que mediava entre o castello e o arraial, elle chegára, muito antes que o sol subisse ao zenith, ao termo da sua viagem. O coração batia-lhe com força. Ainda talvez visse Dulce! — Eis o pensamento ao que se limitavam já suas esperanças, porque a missão de que se encarregára era terrivelmente ariscada. Durante o caminho fôra que elle medira a extensão dos perigos á que se expozera; mas a imagem de Dulce varria-lhe da alma o temor. Jurára a seus pés voltar nesse dia: e para não ser perjuro, que lh'importava affrontar á colera do senhor de Trava, e o odio profundo que devia devorar o co-

ração de Garcia Bermudez? E todavia a mensagem que trazia, mais de guerra que de paz, forçosamente havia de despertar aquella colera, e a sua presença este odio, a ponto, que não era facil prever qual seria o modo porque sahiria do passo estreito em que se aventurára.

Ainda estas cogitações o agitavam, quando ao lugar onde esperava, fôra das barreiras, a licença para se appresentar perante a rainha e o conde, chegou o pagem Tructezindo, que o leitor já conhece, e fallou com os homens d'armas que rodeavam a cavalgada dos recém-vindos. A entrada do burgo e castello lhes era franqueada, e Fernão Perez esperava o trovador para ouvir sua embaixada. O cavalleiro atravessou então, seguido dos seus, a ponte levadiça da carcova, e passando alem da da grossa cinta dos muros e torres do castello, encaminhou-se para a sala d'armas dos paços da bella infanta de Portugal.

(Continuar-se-ha.)

(A. Herculano).



O MUEZZIN NA TORRE DA MESQUITA.

TODAS as religiões falsas, posteriores ao paganismo, imitaram este na criação de um sacerdocio; pelo que tambem arremedaram a verdadeira: nenhuma deixou de levantar uma corporação de ministros, ou empregados do culto, a quem mais especialmente era confiada a mantença, a explicação genuina de seus pontos de fé, e que tinha a incumbencia

das ceremonias e actos religiosos. Admira portanto que Mafoma, conhecedor do sacerdocio judaico segundo a lei do Levitico; sciente, pelas suas viagens á Syria, da organisação do clero do christianismo, não instituisse clerezia a seu modo, e que ao contrario deixasse a cada um seguir o rito novo, sem que alguém o presidisse, e sem distincção de jerarchia; porque tal não póde dizer-se a que era puramente militar entre os seus adeptos. Os doutores da lei moslemica, os derviches ambulantes, são de data muito posterior á fundação do islamismo. Adoptando a crença de Deus unico e indivisivel, deixou á piedade dos falsos crentes a erecção dos templos; e as mesquitas foram em geral edificadas á custa de principes ou por doações de particulares; mas não apparece a obrigação de erigirem igreja: com o andar dos tempos, e a inevitavel precisão de conservar estas casas, deram-lhes guardas, e outros custodes e administradores dos rendimentos, e por consequencia empregados que velassem pelo culto, tão simples no templo, quanto oneroso aos que o praticam em seus domicilios. Digamos de passagem que o mahometanismo tem muitos renegados ao disfarce, que assim como se indemnizam a occultas do rigor da prohibição de vinhos e carnes gordas, tambem se esquecem de resas e genuflexões; tão sómente o habito e o clima os obriga aos repetidos lavatorios, sem que isso prive de haver muito musulmano, irremissivelmente porco, que de tal preceito não cura. Onde a lei é á risca mais seguida, segundo o testemunho dos modernos viajantes, é em Constantinopola e suas vizinhanças, na Asia Menor, e varias cidades da Persia: em todos os mais logares, notavelmente na Africa, ha desmanchos, que indicam a vacillante crença no Al-Koran, ou o desejo de commetter peccados por negligencia! (*)

Seja o que fór, é comtudo verdade que os musulmanos não poderam dispensar padres a seu geito. Formaram nações, ou lhes inculcaram o culto; chegaram a ricos; fundaram mesquitas sumptuosas: mas o seu sacerdocio é simples. Se a casa d'oração, como elles lhe chamam, é ampla e muito frequentada tem dois *imans*; um *préga*, e recita as orações á sexta feira [que é o seu domingo]; o segundo reza em publico as cinco orações diarias na mesquita ás horas estabelecidas: nas mesquitas menores um só preenche os dois encargos. Tambem ha em cada uma destas casas um ou mais *muezzins*, homens, que substituem as vezes dos sineiros; sobem a horas certas ás varandas dos coruchéus das mesquitas, e dalli bradam chamando o povo á oração nas marcadas estações do dia; nas grandes cidades empregam nisto de ordinario os cegos para não devassarem os recintos e jardins dos serralhos. Como os sectarios do Al-Koran aborrecem os sinos, e não os usam, este é o meio de que se lembram para supprirem o solemne som do instrumento metallico, que por tão singelas percussões, espalha nos paizes catholicos a muita distancia a recordação de Deus. Impropria e deficiente é a substituição; e todos podem ajuizar como alcançará a voz humana chegar de grandes alturas a ouvidos ator-

(*) O P.^o Manuel Godinho falla-nos do remedan ou quaresma turca e viu como era cumprida em Alepo da Syria: — «Os mais observantes não comem logo que se põe o sol, senão depois que apparece alguma estrella. Não assim os arabios da Deserta que eu via comer a toda a hora nesta sua quaresma.» — Vide a curiosa Relação deste viajante portuguez a pag. 213 da moderna edição publicada por esta Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

doados pelo bulicio e algazarras de uma terra populosa. — Mas como o culto era novo, e tratava-se de o differenciar especialmente do christianismo, Mafoma e os seus adoptaram mais este modo ridiculo de segregação. — Consolemo-nos que se por cá não acodem todos á pancada retumbante dos sinos; ha por lá maioria que se faz surda ao clamor do muezzin: consolação não será, mas cada religião tem seus tibios e remissos.

Na estampa vê-se o gosto de architectura que predomina na construcção dos *minarêts*, coruchéus das mesquitas, pinaculos desses edificios, que emparelham de algum modo com as nossas cupulas ou zimbórios: lá se divisa n'um bem alto o muezzin, tapando com as mãos os ouvidos, e bradando aos crentes que venham cumprir seus religiosos deveres.

Agricultura.

DA LAVOURA EM CAMPO ABERTO OU LAVRADA:
E DA SEMENTEIRA.

DISSEMOS n'um artigo [a pag. 333 do 1.^o vol. desta 2.^a Serie] em que consistia o lavór da terra a que chamámos lavrar, o fim ou utilidade desta operação, os instrumentos e os animaes indispensaveis para ella. Continuando agora a mesma materia diremos o que nos parece mais essencial: 1.^o sobre o modo de lavrar, isto é, sobre a direcção e profundidade do rego; 2.^o sobre o tempo proprio de o fazer. E ainda que acontece alguma vez pela ligação das idéas que caíamos em alguma repetição, não seja isto occasião de reparo, porquanto em objecto de tão grande utilidade nunca os preceitos de reconhecida evidencia e vantagem se repetem assaz. Com effeito *bem lavrar e bem estrumar* são os dois pontos em que repousa todo o segredo da agricultura: tudo o mais são accessorios e consequencias delles. Recordem-se os leitores daquelle celebre processo de que nos deu noticia Tito Livio: — Um lavrador da campina romana foi accusado perante os magistrados de praticar sortilegios por meio dos quaes, ao mesmo tempo que seus vizinhos, igualmente agricultores, só recolhiam de seus suores uma colheita fraca e mesquinha, elle pelo contrario tinha sempre as melhores searas, e a mais copiosa e abundante producção. O accusado, para descarregar-se desta imputação, compareceu no *forum* romano acompanhado de seus criados fortes, calejados, robustos; de seus bois gordos, reforçados e optimamente tractados; e de seus instrumentos de lavoura bem construidos, limpos, e admiravelmente proporcionados; feito o que disse para os juizes: eis-aqui em que consistem meus sortilegios e encantamentos; bons trabalhadores, instrumentos adequados, e as grandes serras d'estrume que tenho promptas para o meu campo, são todo o mysterio de minha agricultura; que meus vizinhos façam outro tanto, terão igual resultado. —

Profundidade e direcção do rego do arado.

A profundidade do lavor depende da qualidade do solo: se a terra é boa, e a camada vegetal cimera é larga e rica, deve lavrar-se profundamente; porque quanto mais volvida fór a terra boa, melhor arreigará e prosperará a planta: da mesma sorte se fará quando a camada inferior ou sob solo fór de qualidade superior á primeira; porque nesse

caso convem trazer a á superficie. Nas terras mais leves ou fracas a profundidade deve ser menor, porque quanto mais se volve o solo, mais se augmentam aquelles defeitos, e mais facilmente chupam a humidade, e evaporam os gazes nutritivos. Os regos devem praticar-se guardando, quanto possível fôr, uma linha recta, descrevendo-a longitudinalmente de norte a sul, afim de que a seara tendo a mesma exposição amadureça ao mesmo tempo. Nas collinas porem, nas encostas, e em geral nos terrenos montuosos deve lavrar-se horizontalmente, e não d'alto abaixo, afim de que com as enxurradas se não arraste ou deslave a terra.

Do tempo proprio para lavrar.

Em geral deve escolher-se para lavrar um estado da terra entre humidade e secura: o caso é que a terra se esboroe facilmente pela lavoura que é a significação do texto latino: *= aut putre solum, hoc enim insistamur arando.*

Nas terras seccas e ligeiras é bom esperar tempo humido, mas não frio; nas humidas lavrar em estação secca e enxuta. O lavrador experimentado apalpando a terra entre os dedos facilmente verá se está ou não em estado de poder lavrar-se. Algumas vezes acontece que o tempo continuamente secco estorva a lavoura no tempo adequado, e então aquelles que tem posses para isso, costumam metter-lhe agua por igual afim de refrescar o campo, e lavram depois.

Da sementeira.

Depois da terra lavrada segue-se ordinariamente nos cereaes a sementeira. Deve escolher-se para semente o grão mais grado e perfeito; e melhor será se fôr nascido e criado em outro terreno: as plantas amam tambem até certo ponto a variedade. Como por um lado seria perdido o grão partido, ou furado do bicho, ou cariado, que se lançasse na terra; e por outro lado de má semente se não pôde esperar boa planta, convirá experimentar primeiro o grão. Para isso se lança em agua bastante a fazer vir á superficie o que estiver deteriorado; e este se tira para fóra destinando-o a outros usos. Esta immersão n'agua por algumas horas [5 ou 6], dispõe o grão a fermentar e a nascer mais rapido. Os francezes preferem lava-lo remexendo-o muitas vezes n'um banho d'agua de cal ligeiramente colorada, em consistencia a que chamam — leite de cal. — Depois se enxuga posto ao ar, e secco se semêa.

O methodo de semear entre nós é quasi geralmente o que chamâmos semear á mão. O semeador trazendo o grão n'uma cesta pendente do braço esquerdo, ou n'um sacco aberto pendurado ao pescoço, vai espalhando a semente com a igualdade approximadamente calculada por toda a terra, regulando o braço pelo movimento do pé nas passadas que vai descrevendo. Este methodo requer um grande habito: é o mais expedito, mas é igualmente o mais sujeito a contingencias desagradaveis; um leve descuido, um esquecimento momentaneo do semeador pôde causar graves inconvenientes; pôde repetir a sementeira no mesmo local, ou passar em claro alguma porção de terreno: em todo o caso desperdiça-se semente.

Nos paizes onde a agricultura está em progresso tem-se inventado grande numero de semeadores, ou machinas mais ou menos uteis para bem semear e poupar semente. Algumas destas desempenham bem sua destinação, mas infelizmente por sua com-

plicada estructura, e por seu preço, não podem convir a pequenos cultivadores, ou nos paizes onde a agricultura está em atrazo. Um dos ultimos inventos desta natureza que tem tido grande voga em França é o semeador de Mr. Hugues, o qual serve para todo o genero de sementes, e dizem que economisa muito grão. É uma machina que semêa e grada a terra ao mesmo tempo; isto é, depõe a semente n'um pequeno rego traçado por uma relha, e depois a cobre immediatamente, e a enterra n'uma profundidade regulada. Consiste esta machina semeadora em um ou dois taboleiros, como aquelles que contém o grão que vai moer-se nos moinhos ou azenhas: destes taboleiros vai descendo a tubos que são ordinariamente de tres a sete, e pelo bocal destes tubos vai cahindo o grão em linhas rectas parallelas. A proporção que esta machina vai passando, puxada por um ou dois animaes, se vai operando a sementeira d'uma larga banda de terreno, e a grade, ahí pegada posteriormente, vai logo cobrindo o grão. Este instrumento vem desenhado no Jornal dos Conhecimentos Uteis, no n.º de março de 1840. Mas os redactores tiveram logo o cuidado de advertir que este e outros instrumentos aperfeiçoados só poderão adoptar-se quando muitos cultivadores se concertem entre si para os terem em commum.

Outro instrumento semeador mais simples, menos dispendioso e complicado, e que nos parece encher a indicação, é o de Mr. Barreau: compõe-se de 2 partes; 1.ª a caixa que contém a semente, e um cylindro escôva que rolando dentro, tocado por uma manivela pela mão direita do portador, vai despejando o grão nos orificios dos tubos; 2.ª deste mesmo tubos [3 ou 5] suspellidos no ar pelo diametro d'uma pequena roda preza ao tubo do meio. Estes tubos lateraes estão presos á caixa de maneira que o portador desta machina, pendente dos hombros, pôde aparta-los ou aproxima-los conforme a necessidade da sementeira, e as desigualdades da lavoura. Esta caixa pôde conter uma quantidade de sementes para occupar até tres quartos d'hora. Ella é presa por uma corréa que pende dos hombros, como dissemos; e o portador, com a mão esquerda levemente apoiada sobre a caixa, a conserva fixa e immovel. Com a mão direita toma a manivela, e esta faz rodar o cylindro, o qual posto em movimento agita os grãos e os faz cahir nos orificios mais ou menos bastos, segundo a maior ou menor velocidade que o homem dá volteando a manivela. Em alguns departamentos da França empregam mulheres neste mister, e calculam que uma dellas com um semeador de tres tubos pôde semear um hectar e meio de terreno [vide o Jornal supra indicado].

Nas terras mui ligeiras ou arentas, onde se não pôde esperar que a vegetação prospere, sempre na raiz da planta esteja o estrume em posta: depois da terra lavrada e gradada, e limpa das hervas e raizes costumam fazer regos com uma relha, e ahí d'espaco a espaco deitam um punhado d'estrume e um, dois, ou tres grãos de semente, cubrindo-os logo com o mão, ou com o pé. Outras vezes fazem isso á enxada, praticando buracos ou covas em que depõem o estrume e a semente. Tudo isto porem depende de consideração, attendendo aos costumes praticos do paiz, e á natureza e qualidade do solo. Nas sementeiras porem em grande, é certo que se não pôde adoptar senão a sementeira á mão, ou pelo methodo Barreau. — *J. da C. N. C.*

Arboricultura.

Os ARVOREDOS fructíferos produzem mais que os grãos sementeados, porque sua superfície é muito maior que o terreno que a arvore occupa. Na cultura deste genero de riqueza agrícola a primeira regra é a escolha dos sitios proprios para a plantação.

Assim que, nos terrenos montuosos, e em suas encostas ao nascente e meio-dia, se plantarão com vantagem oliveiras, e se semearão pinheiros.

Nas terras leves se plantem cerejeiras, nesperas, o til, e outras especies semelhantes.

Nas terras fortes, macieiras, pereiras, nogueiras, amoreiras, carvalhos, olmeiros, faias, castanheiros.

No solo pedregoso, as amendoeiras, romeiras, o bordo, aveleiras, e outras.

Nas terras humidas, ou nas margens dos rios, ou ribeiros, as plantas que amam frescura, como salgueiro, amieiro, chorão, vimeiro.

Quanto á sua cultura em particular.

Amoreiras. — As que são destinadas para a criação dos bichos da seda, vem de muitos modos: de semente, d'estaca, d'alporque, e de planta com raiz. Para semear grainha da amoreira é preciso uma terra solta e preparada quatro mezes antes: semea-se em abril, cobre-se com uma camada de terra de quatro linhas, e melhor se fôr *terriço* ou esterco vegetal muito fino e apodrecido de longo tempo. Quando se plantam de raiz refresca-se esta com agua, e se lhe corta o *pivot* ou espigão: plantam-se com dois pés de distancia umas das outras, sendo para transplantar; porque se forem dispostas para ficar devem dispôr-se em covas de quatro pés de largo e tres de profundidade, abertas dois mezes antes. As estacas plantam-se no meado d'outubro, á sombra, e defendidas com apoio de madeira: fende-se-lhe embaixo a tige, e se lhe mettem nas fendas grãos de cevada. As amoreiras em geral gostam de estrume e de lavouras no terreno que occupam; e convem limpa-las do musgo que as persegue, dos páus e ramos seccos, ou inúteis.

Cerejeiras e gingeiras. — Querem terra solta, leve, porem sêcca; semeam-se de caroço nos fins de fevereiro, fazendo-os primeiro fermentar e grelar em saibro; enxertam-se nos primeiros dias de setembro no mesmo anno. Estas arvores são muito vivazes; renovam-se facilmente por meio da enxertia a ponto que depois de grandes e frondosas se podem tirar, e enxertar com quasi certeza de bom resultado. Não gostam d'estrume nem de lavouras que lhes mordam a raiz; devem antes ser cavadas á enxada; e limpam-se do musgo e dos ramos seccos. Apressa-se-lhes a maturação do fructo pondo-lhes cal ao pé, e regando-as com agua aquecida.

Sórveiras; amam logares frescos, humidos, e substanciaes: se se pertende have-las de semente ha um meio facil: toma-se uma corda de linho, ou d'esparto velha e sem outra serventia; passa-se esta pelo fructo esfregando-a; e quando pela adherencia a graã está pegada á corda, estende-se esta n'um rego feito em terra preparada, e ligeiramente coberta, enterrada no mez de outubro. Nascidas regam-se, sacham-se, e se transplantam em covas de quatro pés em quadro e tres de profundidade. As sórvas gostam de terra lavrada e cultivada. Guarde-se o fructo em vasos de barro bem tapados, e barrados, mettidos em terra secca a um palmo de profundidade, em sitio soalheiro,

Nespereiras; tem a mesma cultura que as sórvas.

Oliveiras: — amam terra grossa, mas sêcca e quente, exposta ao meio-dia ou ao nascente, mais nos altos que nos baixos. Propagam ou dos rebentões que deitam do pé, e que se deixam crescer e engrossar até terem duas polegadas, ou das estacas que se lhe tiram dos ramos ociosos, ou de raiz a que chamam de cabeça. Este ultimo modo é o que produz mais depressa. Devem escolher-se os rebentões e estacas fortes, direitas, e sem mazellas ou esfoladuras; tira-se-lhes a casca no pé, deixando só a verde ou entrecasco; plantam-se em novembro nos paizes quentes, em fevereiro e março nos climas temperados, em covas de quatro pés de largo e tres de fundo, abertas dois mezes antes, misturando na terra da raiz esterco e cinza; bate-se bem a terra, deixando alguma debaixo do toro ou raiz da planta: depois devem regar-se e sachar-se. Transplantam-se no fim de cinco annos [se foram nascidas e criadas em viveiro], e se devem cultivar, sachar e esterocar, podendo ser, todos os annos. Não se talham nem podam nos dois primeiros annos; no terceiro se lhes deixam duas vergontes: no quarto anno a mais fraca das duas se corta e se planta para ser transplantada no quinto. A transplantação deve ser feita levando a terra pegada ás raizes, quanto poder ser. Todos os praticos sabem já que as oliveiras devem ser limpas amiudadas vezes, e que convem abri-las de modo que o ar e o vento as penetre, e se costuma dizer por isso que devem apresentar a fórma d'um sino de boca para o ar. A limpeza não deve demorar-se mais de seis ou oito annos, por um tempo sêcco e soalhoso; no fim do inverno será bom cobrir a chaga ou córte com bórvas d'azete.

Enxertam-se em maio de borbulha; um anno depois se cortam rente do enxerto. Quando a oliveira está velha e se quer cortar ou arrancar, tira-se em cada ramo principal um anel de casca circular, que se cobre com o aparelho dos enxertos: esta operação serve para fazer dar naquelle anno tudo quanto póde dar de fructo.

Nogueiras; gostam de terra gorda, como terra de trigo; dão-se nos quintaes e nos caminhos, ainda em chão duro. Semeam-se as nozes em fevereiro, e plantam-se dois annos depois em viveiros no mez d'outubro. Não se plantam muito grossas; e precisam ser sachadas: corta-se-lhes o espigão quando se transplantam; dispõem-se distante umas das outras. Enxertadas dão melhor fructo, e dobrado em quantidade.

Amendoeira; ama terreno rude e pedregoso, sêcco e quente: o melhor modo de cultiva-las é o planta-las logo no solo em que devem ficar. São muito vivazes, e boas até para tapumes.

Alfarrobeira: — plantam-se os rebentões em novembro ou fevereiro em covas profundas, terreno sêcco, e com boa exposição ao meio-dia. Enxertam-se na ameixeira brava ou na amendoeira: regam-se a miudo.

Castanheiro: — dá-se em todo o terreno nos climas de temperatura que lhe convenha; nas encostas e altos principalmente. Semeam-se as castanhas nos ouriços mesmo; formam viveiros, e transplantam-se aos seis annos. Os enxertados dão melhor castanha, em maior quantidade, e fazem larga cópa. Esta arvore é preciosa na provincia do Minho, porque serve d'encosto ás videiras que dão uvas; o castanheiro lança vergontea que no alto dá castanhas, e passados annos bella madeira. — *J. da C. N. C.*